

NECTARINAS

– crônicas –

João Paulo Hergesel

NECTARINAS

– crônicas –

3.^a edição



Editora Jogo de Palavras
• Alumínio, SP •
2018

Copyright © 2016 by João Paulo Hergesel

H545n

Hergesel, João Paulo.
Nectarinas / João Paulo Hergesel. – 3. ed. – Alumínio: Jogo
de Palavras, 2018. (Coleção Joanhina Platinada).
96 p. | 14 cm x 21 cm

ISBN 978-85-66626-74-2

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas.
I. Título.

CDD: B869.93 | CDU: 82-94

3.^a edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2018
www.jogodepalavras.com

Dedicado a:

Caio, Érica, Dani, Fran, Gabi, Letícia, Matheus e Ricardo, que não me deixaram desistir deste livro e dispensaram parte do seu tempo para me ajudar a confeccioná-lo.

E também aos esquilos, os quais ainda não tive o prazer de conhecer pessoalmente.

O prefácio que comeu nectarinas

Estilo, quando referente à estilística literária, em sua definição mais antiga, além do escrever bem ou corretamente, significava o próprio homem. O escritor em si. João Paulo Hergesel, amante da estilística, da gramática, pesquisador das linguagens contemporâneas, prestes a chegar a uma dezena de livros publicados, só agora, e finalmente, compartilha com o público leitor suas melhores e mais premiadas crônicas, compiladas neste *Nectarinas*. Aqui, há tanto o bem escrever quanto o escritor por ele mesmo, denunciado, porém, a partir de inúmeras facetas: o professor; o artista; o apaixonado; o pop; o cibernético; o fantástico J.P.

Como não simpatizar com o esquilo brasileiro que, em Gramado, um dia é surpreendido por uma forte nevasca? Por que não perdoar o crime do creme de leite shakespeariano que, “vingar-me ou não me vingar, eis a questão”, de repente, é substituído pelo leite condensado? E quem não gostaria de viajar a Onira? Qual escritor angustiado, em crise de criatividade, não negociaria com o impronunciável Rumpelstiltskin? Uma letra descartável. Um *piercing* inusitado. Morangos e bananas simbolizando o amor. O amor glutão de um casal que se devora no elevador. Há mesmo uma salada de frutas nas páginas seguintes; o leitor encontrará espaços, tempos e personagens compostos por uma teia ficcional ímpar, entrelaçados na

metalinguagem e na incessante busca pelo poético que Hergesel consegue empreender ao escrever crônicas.

Aliás, são textos que o autor julgou necessário, na medida do possível e do instituído, classificar como crônicas. É uma maneira válida de enxergar essas pequenas peças literárias, quem sabe devido à sua concisão, à leveza, à graça, ao cunho jornalístico às vezes proeminente. Enquanto alguns textos se adequam resignadamente ao gênero, outros riem, deboçam da generalização cristalizada com que o ofício obriga o autor a denominar o que escreve. Isso porque Hergesel não se prende a amarras provenientes da tipificação textual: subverte, inverte, inventa gêneros; inaugura-os, talvez. Muitos creem que aí reside a qualidade, a originalidade, o estilo.

Os temas escolhidos são vários e bem menos significativos que a forma com que vêm à tona; é por meio dessa forma profundamente contemporânea, investigativa e inventiva, que as crônicas ora azedam, ora adoçam nosso cotidiano, como se fossem as nectarinas do título. E cada uma contém suas particularidades técnicas, neologismos, figuras de linguagem possíveis e impossíveis, as já nomeadas e as que ainda serão descritas nos livros didáticos. Não que o conteúdo seja desimportante: muitas vezes é o próprio conteúdo que incita o voo do autor, mas este só voará alto e se distinguirá das demais aves se souber calcular o vento incalculável, se puder escolher as rotas mais imprevisíveis. Em literatura, como na vida, o que importa não é o objetivo,

a história contada, mas sim o percurso, a forma com que se conta. Aquele pássaro no céu não é o J.P.? De longe dá para identificar o seu canto.

Que o leitor morra de afrodite por este livro que é uma sinestesia crônica.

Caio Henrique Solla

*Formado em Letras: Português e Inglês, pela Universidade de Sorocaba, e autor dos livros **Pensa que tive dedos ágeis** (Penalux, 2016); **Salinger** (Penalux, 2015); e **Bandarilhas** (Patuá, 2013).*

Com criatividade incessante e facilidade em brincar com as palavras, João Paulo Hergesel, ao reunir suas crônicas neste *Nectarinas*, transforma situações do dia a dia em loucuras deliciosas e emocionantes.

As figuras de linguagem utilizadas de forma brilhante nos cativam e encantam pelo minucioso trabalho de sua escrita. São histórias com adolescentes, amores platônicos, paixões nacionais, vingança, tragédia, dúvidas, indecisões, faculdade, velhice e morte, com muitas metáforas divertidas, que refletem o humor ácido do autor.

Este livro, que é uma viagem prazerosa pelo universo de esquilos, vacas, gatos, pavões, cachorros e minhocas, recheado com nectarinas, bananas e creme de leite, mexe com sentimentos e sensações que, certamente, despertarão nos leitores a paixão pela forma única e irreverente da escrita de Hergesel.

Francine de Oliveira Palma

Professora da rede municipal de Sorocaba.

Sumário

Escola Estadual da Santíssima Trindade.....	15
Nectarinas em árvore caída que levou consigo a casa de um esquilo sentimental.....	18
Tomando Nota	21
Amoreco, Amoroco	24
A maldição do peitinho	26
A vingança do creme de leite.....	28
Primorados	32
Descendo.....	37
*****	39
A morte do pavão.....	42
<i>Made in China</i>	44
<i>percings</i>	47
Era uma vez.....	49
Companhias.....	52

Sinestesia, oximoro e anadiplose	54
Nojo de menina.....	58
Europa descarrilada	61
1001 utilidades de uma vaca.....	64
Se a ilha é minha, chamo de ilhinha!	67
Vida de pedra.....	70
A letra desnecessária.....	72
Bananas	74
Trenó de labradores.....	77
O leite que bebeu o gato.....	80
Charles e Christine.....	83
Quando as ondas do mar desapareceram.....	85
Minhocas na cabeça.....	87
Afrodite	91

Escola Estadual da Santíssima Trindade

“Ai, que judiação!” é a frase que mais ouço quando digo que sou professor. Se digo que dou aulas para o ensino médio, me recomendam algum tipo de novena. Se digo, então, que é em escola pública, fazem promessa por mim para santos que até católicos fervorosos desconhecem. Mas para o santo governador, o único que pode proporcionar melhorias no ensino público, ninguém reza uma oração.

Mesmo sem pensar muito, sabemos que o governo é totalmente o oposto do paraíso. Ainda assim, todos os vinculados se julgam seres celestiais. Nós, professores, é que somos os verdadeiros mártires. Pagam-nos uma merreca de dízimo, que por algum motivo preferem chamar de salário, e querem que façamos milagre.

A escola e a igreja têm a ver. Os ensinamentos pregados na escola pertencem à mesma forma da didática que se estabelece na igreja. Na escola, contudo, comete-se um pouco mais de pecado.

Eu, professor, confesso que pequei uma vez por pensamentos que se tornaram palavras, contatos que se tornaram revelações. Por minha culpa, minha tão grande culpa, peço aos meus amigos cronistas, aos éticos, críticos e a todos os leitores em primeira mão que me perdoem pelo ato vergonhoso que tenho a contar.

Comecei a lecionar muito cedo. Concluí minha licenciatura em Letras, já passei a atuar como professor de

inglês. A ideia que os alunos fizeram ao saber que o *teacher* tinha vinte anos foi presumível: da galera.

Mais do que me respeitar, eles me viam como um amigo, um adolescente mais velho. Minhas aulas eram prazerosas não pelo conteúdo, mas pelo bate-papo informal que eles tinham comigo entre uma explicação e outra.

Com alguns, a afinidade ficou tão grande que me transformei em um pseudoterapeuta. Os desabafos variavam de “Meu pai chegou bêbado novamente em casa” a “Meu namorado gosta de se exhibir pela webcam”. Porém o que me chamou atenção foi “Estou apaixonado por uma mulher casada”.

O garoto mal completara dezessete anos e vivia como um personagem de telenovela. Procurei conhecer melhor o caso. Ele era inexperiente e a mulher que ele ansiava era apenas dois anos mais velha que ele, mas comprometida. Lamentou não ter dom para fazer-se notado.

Compadeci pela situação dele. Ele era um jovem que não merecia viver a frustração do amor platônico. Decidi que o aconselharia, à minha maneira. Cabotinismo à parte, sempre tive facilidade em conquistar mulheres mais experientes.

Depois das aulas normais, vinha o reforço. Almoçávamos juntos e eu aproveitava para lhe dar as dicas mais essenciais. A relação professor-aluno continuava. A diferença era que, em vez de eu ensinar inglês, ensinava a língua do amor.

Ele era aprendiz de jornalista, inteligente e desinibido. O estilo e a postura para a conquista ele tinha. O que atrapalhava era o nervosismo, mas, aos poucos, consegui fazê-lo relaxar. O máximo que poderia acontecer era ele ter o sentimento negado e isso não seria pior que a situação dele no momento.

Trabalhava para o jornal local como um repórter-fotógrafo: registrava os acontecimentos com sua câmera digital e uma pequena crônica escrita por ele próprio. Dessa forma, havia dias em que ele precisava faltar da escola para cobrir alguma manchete ocorrida pela manhã.

Certo dia, sua voz não respondeu à chamada. Acreditaria que estivesse trabalhando, se não soubesse que a matéria que ele fazia era outra, que finalmente tivera coragem para pôr em prática o que havia aprendido. De uma maneira estranha, me senti realizado por tê-lo ajudado.

Voltei para casa, pensando nas novidades que ele teria para me contar no dia seguinte. As novidades, entretanto, foram antecipadas no instante em que abri a porta de casa e o flagrei com minha esposa.

Foi então que pequei. Apaguei de propósito as respostas da prova dele e o deixei com nota vermelha no bimestre. Um professor jamais poderia agir de tal maneira para com um aluno. Espero que exista perdão para essa minha atitude.

Nectarinas em árvore caída que levou consigo a casa de um esquilo sentimental

O esquilo, na neve, só encontrava a estranheza. Via tudo branco, gelado, vazio e constatava: estava atrasado para seu longo sono de inverno. Os flocos de gelo caíam antes de ele conseguir subir em uma árvore e proclamar a propriedade de um buraco.

Esquiou sobre as duas patas traseiras até a árvore mais próxima. Esquivou-se da coruja prestes a acordar e lhe encher de bicadas. Esquilou até a árvore seguinte. E de árvore em árvore, a solução encontrava-se perdida no bosque: todos os lugares possivelmente disponíveis já estavam indisponíveis.

Sentia o rabo congelar pelo a pelo. Apelou aos pulos por um casaco de pele. Então se deu conta de que também o cérebro talvez estivesse se congelando. Transfigurava-se em picolé de esquilo. Picolé *skimo*.

Se fosse esquimó, pelo menos, poderia juntar bolinhas de neve e formar um mini-iglu para passar as próximas semanas. Mas era somente um bichinho apagado em meio a tanto tom de branco, a tanta bronca mental que dava a si mesmo.

Conhecia a história da formiga trabalhadeira e da cigarra que passava o verão cantando e depois não tinha onde morar. Ouviu em algum quintal de alguma casa, na voz de alguma criança ou pai, ou mãe, ou pai da mãe, contando para a criança.

Nunca se importou com a moral da fábula. Não nevava no Brasil. No máximo, uma geada ou outra que o permitia se refugiar numa moita encrespada por gotas de orvalho. Só que, agora, as moitas eram subgêneros de *freezer*.

Lembrou-se da sua família. O pai esquilo, a mãe esquilo, o pai da mãe esquilo. Moravam numa árvore feliz de Gramado, gostavam da região, dos turistas, do cheiro de chocolate e das nozes que os turistas misturavam no chocolate. Mas já não os tinha perto.

Poderia formar uma nova família. Uma esposa esquilo ou um marido esquilo, não tinha preconceitos. Mas se considerava individualista demais para ter companhia até mesmo da solidão. Preferia viver por conta própria.

Pensou certa vez em bater na porta de algum chalé e pedir para ser adotado; mas a ideia de domesticação arrepiava as gengivas dentuças. E os arrepios continuavam, mesclando o frio e o medo de morrer de frio.

Seus olhos, petrificando o fluido lacrimal, detectaram, em súbito, uma esperança alaranjada. Na copa de uma nectarineira resistente, os galhos, encobertos pelas folhagens e pelas frutas congeladas, estavam com vagas para esquilos.

Sem entrar com pedido de usucapião, o esquilo ocupou o ambiente. Transformou os galhos em moradia; e a moradia, em aconchego. Roeu a casca, imergiu no espaço improvisado e o batizou de lar.

No primeiro sono, entretanto, sentiu um tremor. Acordou achando o cúmulo do tropicalismo desregulado a

aparição de uma avalanche para acrescentar à nevasca. Tinha razão: não se tratava de um fenômeno natural, mas de uma decisão humana, descrita em eco – mais madeira para a fogueira da lareira.

O tronco se destroncou em anticlímax, curvando-se perante o homem, natureza cedendo à força cultural. O esquilo, sem paraquedas, acatou à queda cem vezes maior do que seu tamanho. Barulho silenciado pela camada de neve. Esquilo silenciado pela ânsia do luxo.

Meio quilo de carne revestida por pelo acastanhado se estirava, agonizante, sobre as nectarinas ainda presas aos galhos. O aspirante a lenhador, perspicaz, registrou a cena no *smartphone*, certo de que isso lhe renderia acessos numerosos em sua página virtual.

Tomando Nota

“Sou real. Nasci de uma máquina grande; eu e inúmeras irmãs verdinhas muito parecidas comigo. De fato, a única coisa que nos distinguia era o número de identificação. Feita de papel-moeda, fui levada para passear num carro que, por algum motivo, diziam ser forte. Cheguei num renomado estabelecimento de crédito onde me guardaram num objeto curioso que chamavam de caixa. Fiquei na companhia de algumas primas de maior valor. Senti-me honrada!

Nesse mesmo dia, um executivo, rude e indelicado, foi pagar suas contas. O valor da dívida era alto: novecentos e noventa e nove reais. Ele deu à atendente dez cédulas azuis e ela, sem dizer nada, simplesmente me entregou em troca. Surpreso pela conta não ter sido arredondada, o importante senhor saiu admirado com o lugar. Eis minha primeira façanha: aumentei o prestígio do banco!

Andando pela calçada, ele encontrou um mendigo implorando por auxílio monetário. Percebendo que o pobre cidadão faria melhor uso de mim, o áspero homem decidiu dar-me como esmola. Sem querer me gabar, consegui amolecer o petrificado coração de um ignorante!

Extremamente feliz porque havia ganhado um dinheirinho, o maltrapilho me olhava como se estivesse admirando o mais precioso diamante. Graças a mim, ele pôde comprar um cachorro-quente que, embora simples, serviu-lhe para forrar o estômago vazio. Assim matei a fome de um sem-teto!

O proprietário da lanchonete, após o expediente, passou numa casa lotérica onde me utilizou para fazer uma aposta. Dali a algumas horas, ficou imensamente maravilhado ao descobrir-se ganhador de uma bolada. Inesperadamente fiz o rapaz prosperar na vida!

O responsável pela parte financeira da casa de jogos, considerando-me lucro, resolveu agradar o filho e o presenteou comigo. O garotinho pulou de alegria e correu até a doçaria mais próxima para comprar um delicioso chocolate. Dessa maneira deixei uma criança feliz!

Na volta para casa, enquanto dirigia seu seminovo, a dona da loja de doces sentiu algumas tonturas e fortes dores de cabeça. Parou numa farmácia 24 horas e me usou para comprar um comprimido para seu mal-estar. Logo, ajudei a curar uma pessoa enferma!

Durante minha árdua vida, fui molhada, amassada, rasgada, remendada com fita adesiva, pisoteada, esquecida num cofrinho, jogada às traças... e, ainda assim, colaborei trazendo melhorias à vida das pessoas. Até que um dia desses acabei voltando ao banco. Esperava ser guardada naquela caixa onde conheceria novas amiguinhas, mas desta vez tive um destino diferente: fui recolhida. Agora estou

novamente naquele carro forte e entendo o porquê do nome: ele está me levando à força rumo à destruição, afinal de contas, disseram que não tenho mais valor.”

Depoimento de uma nota de 1 Real.

Amoreco, Amoroco

Afirmar que o amor acontece apenas quando tem que acontecer é um equívoco, porque ele não é um acontecimento. O amor vem em libélulas: vaga tranquilamente por aí, até que nós, meros sapos, hora ou outra o abocanhamos com nossa língua comprida.

Não faz muito tempo, uma libélula dourada pousou próxima a mim. Evitá-la seria um erro; consumi-la, também – um labirinto sem saída: ou morreria de fome ou teria indigestão, não tinha outra escolha. (Não há como não amar, nem como amar sem sofrer. Portanto, a dica não é aprender a amar, mas aprender a sofrer.)

Libélulas são criaturas simples; o que elas fazem é que é incompreensível. Complicar a própria vida não era minha vontade, mas, num singelo gesto involuntário, senti pequeninas asas baterem rapidamente no céu da boca. Desmetaforizando a cena, eu enigmaticamente havia me apaixonado.

Da descrição de par perfeito, as palavras (insubestimáveis) tomaram vida e materializaram a pessoa que nem os sonhos foram capazes de inventar. Os fios de cabelo louros – os raios de sol que iluminavam minhas noites. A pele macia e clara – a fofa neve que enfeitava minha paisagem. Os olhos castanho-claros – as amêndoas raras que davam sabor à minha vida.

Do “oi” ao “tudo bem?”; do “qual o seu nome?” ao “que tal um cinema?”; do “adorei o filme” ao “adoro você”.

A sucessão das frases foi automática, a declaração foi espontânea. A objetividade foi respondida com subjetividade: apenas um sorriso negativamente amistoso e nada mais. O sol se apagou, a neve derreteu, as amêndoas apodreceram.

No balcão de um bar, os três sintomas de uma paixão não correspondida. Sintoma um: o mundo real se torna abstrato, desce um copo para amenizar o surrealismo. Sintoma dois: a ausência da pessoa amada permite a presença da depressão, engole uma dose para submergir as mágoas. Sintoma três: sim, toma três.

Gastrite! À beira de um precipício infinito, insisto em clamar o amor com palavras ocas; entretanto, apenas o eco me responde.

A maldição do peitinho

Nunca fui o tipo de cara que andava sem camisa, especialmente nos anos iniciais da adolescência. Mesmo que eu quisesse aliviar o calor ou pegar um bronze, decidia poupar a visão das outras pessoas, já que meu físico só interessaria a uma aula de ciências sobre análise de ossos torácicos. O único momento em que podia ficar despido sem causar danos aos olhos alheios era na hora do banho, e foi numa dessas duchas que constatei o fato: estava crescendo um peitinho.

O fenômeno aconteceu apenas no lado direito – o mamilo inchado, saliente. Olhava para aquilo e não sabia dizer se era um terceiro testículo que estava nascendo no lugar errado ou se alguém havia implantado uma pequena prótese de silicone enquanto eu dormia. Lembrei que já tinha ouvido que alguns meninos tinham “fimose”. Fiquei pensando se a palavra “fimose” queria dizer o mesmo que peitinho; mas as imagens nada bonitas que a internet me mostrou me fizeram perceber que esse não era o meu caso. Enumerei, portanto, três hipóteses sobre o que poderia estar acontecendo.

A primeira era que eu havia nascido hermafrodita. Provavelmente, enquanto bebê, uma cirurgia me deixou apenas com os órgãos sexuais de homem, mas, com o avanço da puberdade, meu lado feminino – como se as coisas funcionassem cientificamente assim – estava se desenvolvendo. Eu passaria a ter um único seio e, talvez, a

menstruar pelo nariz ou pelo ouvido, além, é claro, de me tornar manchete no telejornal de domingo.

Outra ideia, ainda mais esquisita, era a de que alguém que não gostava de mim havia jogado uma maldição: a maldição do peitinho! Depois de uma reza braba feita com vaca preta em vez de galinha, eu estava condenado a ter um mamilo que inflaria como balão e um dia explodiria como um furúnculo gigante.

A última tentativa de justificar a situação era a de que eu estava com uma espécie de câncer de mama masculino. E isso começou a me preocupar tanto que fui ao médico. Chegando lá, mostrei o carocinho para ele.

– Doutor, é grave?

Ele sorriu e disse que era apenas um caso de ginecomastia, que acontecia com quase todo menino, uma concentração de hormônios que logo voltaria ao normal, nada mais do que isso. Insisti:

– Tem certeza que não é macumba?

A boca dele tornou a dizer que não era nenhuma anormalidade, mas insisti no salve-rainha antes de dormir, apenas por precaução.

A vingança do creme de leite

Bananas em rodela, maçãs em cubinhos e mamões em pedaços, tudo misturado numa única tigela. Então, o creme de leite é colocado e surge uma suculenta salada de frutas, um hidratante tropical para a língua e para o resto do corpo.

O creme de leite sempre teve sua merecida importância não só na salada de frutas, mas também em outras sobremesas *light*: creme de pêssego, pavê de abacaxi, sorvete de baunilha. Em alguns casos, quando a qualidade de *light* não era totalmente necessária, trabalhava em parceria com o açúcar.

Certa vez, a cozinheira decidiu inovar e optou por preparar uma *mousse* de maracujá. Como já era de costume, o creme de leite se fez útil, sendo levado ao fogo para cozinhar junto da fruta. O azedo do maracujá, no entanto, precisava ser combatido com forças maiores, e aí veio o leite condensado.

Era um alimento mais espesso que o creme de leite e mais amarelado, embora com nome parecido. “Na certa, sua única utilidade é tirar o azedo”, pensava o creme de leite enquanto dividia com o novato o espaço da panela. Quando a *mousse* ficou pronta, as papilas gustativas festejaram.

No dia seguinte, a cozinheira decidiu preparar o pavê de abacaxi. O creme de leite ficou todo satisfeito mais uma vez, mas não entendeu o motivo de a cozinheira ter

pegado a lata de leite condensado também. “Ora, sempre fiz um bom pavê sozinho”, resmungava.

Aos poucos, o creme de leite foi percebendo que tirar o azedo não era a única função do leite condensado. Ele adoçava, suavizava e tornava o alimento mais saboroso ao paladar. E mais: quando era levado ao fogo, tinha a capacidade de virar doce de leite – diferente do creme de leite, que apenas derretia e virava um líquido mais aguado e sem graça que o leite de coco.

A preocupação do creme de leite tendia a ficar maior. Principalmente quando a cozinheira decidiu preparar a tão famosa salada de frutas. Ele já estava preparado para entrar em ação quando ela decidiu substituí-lo pelo leite condensado.

“Ele não é *light*, não é saudável... Por que ele, e não eu?”, lamentava o creme de leite cujo pranto fez deslizar em sua embalagem uma salgada gota de soro. A tristeza aumentou quando os comedores de sobremesa aprovaram a troca de ingredientes por ter ficado mais docinho.

Esquecido na despensa, o creme de leite pensava na injustiça que lhe havia sido feita. “Vingar-me ou não me vingar? Eis a questão!” Nunca foi vingativo, mas era impossível manter seu lado humanitário, de quem sempre colaborou com a alimentação, pois a traição havia sido muito grave.

O objetivo do creme de leite, porém, não era atacar seus consumidores, e sim seu rival. Levou algumas horas,

mas tramou todo o esquema. A vingança seria doce como o infeliz.

Percebeu que toda vez que a cozinheira precisava abrir uma lata, ela a apoiava no batente da janela, um lugar fácil para cair quinze andares abaixo. Então, tudo o que precisava ser feito era deixar o abridor de latas liso para que ele escapasse das mãos da senhora e esta, acidentalmente, empurrasse a lata de leite condensado para fora.

Para que isso acontecesse, contou com a ajuda de alguns amigos. A ideia era ele rolar para o lado e bater na embalagem de macarrão; esta perderia o equilíbrio e cairia sobre o pacote de café; este estufaria do lado contrário e arremessaria a barra de chocolate; esta cairia sobre o frasco de molho de pimenta, que perderia sua tampa e vazaria bem em cima da gaveta de talheres, em especial do abridor de latas. O óleo da pimenta deixaria tudo mais escorregadio.

O creme de leite colocou o plano em ação. Quando a cozinheira chegou e viu a bagunça, arrumou tudo urgentemente. Mas a armação não poderia mais ser desfeita: o abridor de latas já estava oleoso.

Quando todas as coisas estavam no lugar, a cozinheira ficou a postos para preparar a sobremesa. O creme de leite sabia que aquela seria a hora que sua vingança se concretizaria.

A cozinheira colocou o avental; o creme de leite se remexeu dentro da lata. A cozinheira se aproximou da despensa; o creme de leite borbulhou, segurando o riso.

A mão da cozinheira seguiu em direção à lata de leite condensado e o creme de leite, ao lado, comemorava consigo mesmo. Entretanto, por causa do regime que havia começado naquela manhã, desviou o braço e, tragicamente, pegou a lata de creme de leite.

Primorados

Cheguei à casa de Caroline pedindo vitamina de morango, mas a polpa havia acabado. Pensei em pedir um beijo para que o batom se encarregasse de transmitir o sabor da fruta, mas me contive. Calei o coração, respirei fundo e me contentei em sentir seu perfume com aroma de frutas vermelhas.

Vermelhas como as notas que nunca tirei. Sempre tive a sorte de me sair bem em praticamente tudo o que me proponho a fazer: estudo, trabalho, artes. Dizem que sou uma pessoa felizarda – mas isso porque ninguém coloca o amor nessa avaliação. Aos 18, já me considero marcado pelas frustrações amorosas.

Posso não demonstrar, mas é certo que prefiro a tragédia. Inexplicavelmente, me sinto bem em falar sobre os foras, as torcidas de nariz e as diversas viradas de rosto que já levei. É como se, falando, a realidade se transformasse em ficção e ficção doesse menos.

Supondo que as garotas possam ser classificadas como frutas, minha primeira paixão foi um açai. Ela estudava em outra escola, região distante. Conhecia-a pessoalmente, mas achava que com o Orkut eu chegaria até

ela mais rapidamente. O resultado foi que, enquanto eu upava meus arquivos em conexão discada, um garoto *off-line* a tomou com guaraná antes de mim. Daqui surgiu um conto.

A paixão seguinte foi uma laranja, a fresquinha que era consumida por todos os meninos da escola. Talvez a desejasse somente por ser menino e ser da escola. Mesmo assim, deixei meu romantismo meloso lutar contra a luxúria cítrica dela e me declarei por SMS. Ela se tornou lima, mas foi pela doçura que senti por uma ligação que chegou antes do meu torpedo. Daqui surgiu outro conto.

Decepcionado sentimentalmente, misturei ambas as frutas e fiz um energético que me deu forças para escrever um romance juvenil de amor não-correspondido. As cento e vinte páginas foram lidas e despertaram a identificação de diversos outros cujas frutas não lhes cresciam no pomar.

Até esse ponto, acreditava que, mesmo dramática, minha vida amorosa era original. Quando percebi que nem nisso conseguia evitar o clichê, o assumi de vez e tratei de me apaixonar pela minha melhor amiga.

Ela era uma banana, estava sempre presente. Sabia que me amava e todo mundo confirmava isso. Por isso a surpresa foi grande quando lhe compus uma música e parei de ouvir sua voz. Minha melodia se perdeu em desarmonia quando ela me fez cair em sua casca e entrou em período antitropical, como se não existisse mais para mim.

Nisso virei a página e conheci uma ameixa que me levava a sério, tão a sério que impedia minha aproximação

para que não me machucasse com o caroço. A banana resolveu reaparecer e desenvolver a péssima mania de fazer simpatias desejando minha morte. Fiquei tão preocupado com isso que não me atentei quando a ameixa já estava servindo de enfeite para outro manjar.

Estava cansado de ser vítima das garotas e resolvi desabafar com um amigo, o qual era o único que parecia ser capaz de me entender. Era como uma baunilha, especiaria inconfundível. Os blá-blá-blás dele me fizeram esquecer o mundo feminino e passaram a dar um sabor diferente à minha vida.

A afinidade era tanta que, quando comentei dessa descoberta, foi sem muito nervosismo e o choque que ele levou não foi forte, pois também curti uma salada de vegetais. Pensei que, já que não havia dado certo com as frutas, daria com as plantas – ou melhor, com a única planta pela qual me apaixonei. Mas ele não me permitiu tocar em seu pólen.

Com o tempo, vi a baunilha se transformando em um sorvete de creme e, mesmo sendo chupado por vários, esse loiro gelado não deixava que eu tirasse nem uma casquinha.

Então fiz meu relatório: se não dava certo nem com meninas nem com meninos, nem com frutas nem com plantas, o problema estava em mim. Concluí que a melhor maneira de não dificultar as coisas era abrir mão delas.

Mas, aparentemente, as dificuldades me perseguiram. Pouco tempo depois, tentei, mas não pude ignorar o amor

que passei a sentir por Caroline, que não conheci pela internet nem tinha namorado, mas cujos pais eu chamava de tios.

Já fomos confundidos como um casal diversas vezes. Dizemos, portanto, ser primorados. Os beijos estão descartados, bem como as carícias íntimas, mas ambos nos relacionamos muito amigavelmente. Eu me sinto muito bem ao lado de Caroline e – posso estar enganado – noto reciprocidade.

O namoro entre primos, no entanto, por mais que tenha se tornado comum, ainda choca toda a família. Como tudo o que é chocante me causa dores estomacais, evito a gastrite nervosa deixando que o relacionamento amoroso aconteça somente na imaginação.

Queria lhe provar o morango do batom. Queria lhe aspirar o morango da fragrância a todo instante. Queria ser o elefante audacioso que pinta as unhas de vermelho para entrar escondido no campo de morangos. Mas prefiro evitar transtornos criando ilusões antes de dormir.

“No Natal a pedirei como presente”. E, para ajudar, ela me tirou no amigo-secreto.

“No Réveillon a cumprimentarei nos lábios”. A meia-noite realmente trouxe a vontade, mas não a coragem necessária.

“Um dia a levarei ao cinema e...” Os pensamentos terminam sempre da mesma forma, mas continuam apenas pensamentos. Sonhar é mais garantido do que agir.

Tenho certeza de que um dia contarei e tenho certeza de que nunca contarei. Devido ao paradoxo de certezas, prefiro estabelecer como certo o fato de que sempre seremos primos e de que, com abraços fraternais, poderei apreciar seu cheiro e a cor da sua boca. Poderei viver rondando o campo de morangos para sempre.

Descendo...

Entrei no elevador e o casal estava lá, um de cara virada com o outro, como se tivessem acabado de brigar raivosamente. Fui para a parede do fundo, não cumprimentei ninguém, contribuindo com o silêncio daquele recinto.

O elevador descia e os rostos franzidos não se moviam. Sabia que eles não viam a hora de sair daquele elevador para não terem mais que ficar próximos. A vontade deles, no entanto, foi interrompida – porque a energia foi interrompida.

Presos entre o primeiro andar e o térreo, a luz de emergência se acendeu, servindo de abertura para uma estranha discussão entre o casal.

– Você sabe que eu jamais o perdorei pelo que fez, não é, Nei?

– Até agora não entendi por que é que você se magoou tanto, Cida.

– Você matou a Madama Guadalupe! Ela era minha personagem preferida. Você não tinha esse direito.

O autor decide tirar a vida de uma personagem e um casamento fica abalado por isso. Isso, sim, parece uma história de ficção.

– Nei – disse, apontando o dedo indicador para o nariz do marido. – Nei, você ainda vai se arrepender por esse assassinato.

– E você, Cida, vai se arrepender se continuar apontando esse dedo para mim.

– Ah, é? O que você pode fazer contra meu dedo?

O homem não demorou a agir. Abriu a boca o máximo que conseguiu e a levou em direção ao dedo, abocanhando-o com força. A mulher berrou mais por ódio que por dor. Deu a réplica: abocanhou a mão inteira do companheiro.

O homem aumentou o tamanho da mordida e pegou até o pulso. Ela, em contrapartida, ia engolindo o braço dele sucessivamente.

Ele mastigava o cotovelo dela, enquanto ela já mordiscava a clavícula dele. Era impressionante assistir à cena de um casal se devorando, sem se importar com quem estivesse ao redor.

Num súbito, a luz de emergência também queimou, deixando-nos em um escuro total. Não era mais possível ver a refeição exótica do casal, mas dava para ouvir os horrendos barulhos de dente batendo em osso e sangue se misturando com saliva.

Quando a energia voltou, as portas logo se abriram. Incrédulo com o ocorrido, fui o primeiro a sair do elevador, fingindo que não havia visto nada de anormal. Ninguém saiu depois de mim; ninguém ficou lá dentro.

Sempre tive as ideias mais espontâneas, dessas que surgem do nada e acenam da janela do quarto ou batem na porta do box, enquanto estou tomando banho. O problema é que elas estavam muito malandras e não me deixavam fixá-las no papel; não queriam ser convertidas em palavras. Eu pegava pelo rabo, torcia, mas as espoletas davam um jeitinho de fugir. Então, tive minha primeira depressão literária.

Estava sentado na cama, com o notebook no colo e as ideias esparramadas em volta. Fiquei assim por mais de duas horas, sem conseguir organizá-las. Quando pensei em desistir e chorar sobre a criatividade derramada, uma criatura verde e pequena subiu no colchão e ficou sobre meus pés. Tentei descobrir se aquilo era um duende, um alienígena ou simplesmente uma miragem; mas ele logo se apresentou.

– Sou o Rumpelstiltskin e vim para ajudar.

Conhecia o Rumpelstiltskin dos contos de fadas que ouvia quando era criança, portanto sabia que, quando ele se oferecia para ajudar os outros, era certo de que tinha segundas intenções. Mesmo assim, conversei com ele e escutei sua proposta: ele enfileiraria as ideias para que eu pudesse escrever um poema e, em troca, ele só exigia um pouco de sorvete de uva. Achei justo e, dessa forma, nasceu um poema de versos perfeitos.

No dia seguinte, eu me encontrei na mesma situação: as ideias corriam e pulavam sobre mim, mas não paravam para que eu pudesse encaixá-las. Então, o Rumpelstiltskin apareceu novamente com um novo acordo: amarraria as ideias para que eu escrevesse um conto e, como agradecimento, eu lhe daria minha caneta mais cara. Como não achei nada extravagante, aceitei a proposta e, assim, surgiu um conto de parágrafos maravilhosamente alinhados.

Mais um dia se passou, e minha aflição tornou-se a se repetir. As ideias subiam pelas paredes, se escondiam debaixo da cama, e eu não conseguia juntá-las. Não demorou muito, e o Rumpelstiltskin mostrou-se presente outra vez. Fiquei muito feliz com a aparição do minúsculo homem e ouvi atentamente a então oferta: ele me concederia capacidade ilimitada para domar as ideias da forma como bem entendesse e não me pediria nenhum outro bem material por isso; ao contrário, devolveria o que pegou.

A proposta era irrecusável: eu teria tudo que sempre sonhei; enfim seria dono das minhas próprias ideias. Sem titubear, disse que sim, que fizesse seu feitiço para que eu escrevesse quando e quanto bem entendesse. O Rumpelstiltskin bateu o pé com força no chão e, nesse passo de mágica, me senti líder das ideias. Passei a produzir poemas, contos, crônicas, ensaios, romances e até peças de teatro. Quando tudo parecia perfeito, ele falou:

– Bem, como combinado, aqui estão suas coisas de volta. Prometi ainda que não pediria nada material e o cumpro. Ainda assim, quero algo de você: sua criatividade.

Fiquei assustado e comecei a tremer. De nada adiantaria eu saber organizar as ideias, se não possuísse inspiração para tê-las. Depois de muito pensar, resolvi ceder em partes; disse que deixaria, com todo prazer, que ele sugasse minha criatividade, mas com uma condição: escreveria uma crônica sobre esse momento e, se ele acertasse o título que lhe daria, minha criatividade seria toda dele.

Ele aceitou. E enquanto ele se decide eternamente se o título desta crônica é um palavrão, uma senha bancária ou apenas uma indicação de texto cinco estrelas, fico a inventar novas histórias, escrevendo com minha caneta de ouro e me deliciando com um pote de sorvete de uva.

A morte do pavão

Um pavão velho com somente quatro penas estava sentado no meio de uma campina quando um urubu apareceu para rodeá-lo. O pavão olhou o urubu com desprezo.

– Posso saber o que é que você quer sobrevoando aqui?

– Tô com a maior larica, tiozinho. E como senti cheiro de carne podre a caminho, vim dar uma olhada.

– Pois eu não vejo ninguém à beira da morte, por perto.

– Essa sua força de vontade, eu admiro.

– Desculpe, mas não sei do que é que você está falando.

– Qual é, *pavelho*? Veja só você: tem somente quatro penas. Sua carne já está com passaporte comprado pra minha pança.

– Se for depender da minha morte para conseguir alimento, esteja certo de que é você quem morrerá... de fome.

Então, uma das penas do pavão se soltou.

– Rá! Foi só falar, acabou de perder uma pena. Mais três, e você vai pro beleléu.

– Não perdi nada. Esta pena, só tirei de mim para anotar as besteiras que você fala.

O pavão pegou a pena e rabiscou na terra. Enquanto isso, outra pena se soltou.

– Rá! Outra pena. Vai dizer que também tirou ela porque quis ou vai logo assumir que tá uma ave gagá?

– Gagás devem ser suas ideias. É óbvio que esta pena eu tirei porque preciso fazer um miniespanador. Não vê como este chão está cheio de poeira?

O pavão pegou a segunda pena e limpou um pedacinho do chão. Enquanto isso, a terceira pena se soltou.

– Xiii... Seu papo furado não tá adiantando nada. Outra pena acabou de cair.

– Pois esta é para ver se diminuo seu baixo astral, lhe fazendo cosquinha.

O pavão tentou, sem muito sucesso, alcançar o urubu para lhe fazer cócegas com a pena. Nisso, a última pena se soltou.

– Agora, com a queda da sua última pena, você aceita que tá morrendo?

– Que nada! Deste jeito, depenado, estou como uma ave que acabou de sair do ovo. Na certa, estou renascendo.

O pavão se levantou devagar e, a passos caquéticos, afastou-se do urubu.

Made in China

Londres parecia estar em liquidação. Não era temporada de compras natalinas nem período de queima de estoque, mesmo assim atraía fregueses aos milhares. No décimo nono século gregoriano, imigrantes de diversas etnias traziam nos bolsos a disposição para se tornarem ingleses.

Caminhar na multidão era incômodo, mas valia a pena. Pelo cheiro de carne atomatada que subia dos pratos de macarrões à bolonhesa e penetrava na mucosa do nariz em forma de vapor. Brinde provocante que os restaurantes italianos recém-inaugurados ofereciam aos passantes.

Valia pelo trigo consistente que compunha a massa das baguetes francesas que eram consumidas no chá da tarde. Pela moda original que se formava combinando bata indiana com óculos escuros e casacos.

Pela paz que era liberada só de ouvir o toque dos sinos das sinagogas judaicas. Pela capobol, modalidade esportiva inusitada que misturava a clássica partida de futebol com movimentos africanos provindos da capoeira.

E também pelos produtos comprados pela metade do preço e suposta garantia em dobro de tempo. Irritante para as lojas consagradas, mas lucrativo para o consumidor e, especialmente, para a comunidade chinesa, que ampliava devido a seus ganhos.

Várias culturas, vários mundos. A agitação de todos esses mundos em um só lugar, de uma só vez.

Em meio à correria, todos tinham necessidade de saber a hora, portanto a comunidade chinesa expandiu a produção de relógios de pulso. Os minutos, porém, divergiam. Dois ou três, adiantado ou atrasado, dependia do relógio. Já não se sabia qual era a hora mais correta.

Pensaram que seria melhor se houvesse um relógio principal, a que todos pudessem ter acesso, e dali se faria o horário oficial. O governo não tinha grande verba, mas atendeu ao pedido da maneira como pôde. Um telefonema federal e os chineses fizeram um desconto atípico.

A Torre do Relógio foi criada com materiais legitimamente chineses. Depois veio o sino que, de tão belo, recebeu o nome Ben e que, de tão grande, recebeu o adjetivo Big. O Big Ben foi levado até a Torre do Relógio e, na metade do século, badalou doze vezes para sua inauguração.

Os londrinos, portanto, passaram a ter em que confiar para saber as horas. O mecanismo do relógio movia os ponteiros e os ponteiros moviam as ações de cada cidadão.

Até o dia em que uma família de pombos, também migradores, se sentiu cansada de voar e utilizou um dos ponteiros para descansar suas asas. O peso das aves fez o ponteiro descer até o próximo número. O movimento assustou os pombos e adiantou o relógio em cinco minutos.

Foi tempo suficiente para desgraças. Macarrões foram retirados do fogão ainda crus, bagnetes não ficaram completamente assadas, lavanderias foram fechadas mais

cedo, sinos soaram em desarmonia, jogos foram finalizados antecipadamente.

A família de pombos deixou rompida, desde esse episódio, a credibilidade dos produtos chineses.

percings

Tinha 15 anos. Por mais que aparentasse ter 17 (ou mais), a cédula de identidade e a certidão de nascimento provavam que ele ainda iniciava a segunda parte das cinco que compunham sua vida. Embora na flor da idade, não fumava, não ingeria bebidas alcoólicas, não usava drogas, não gostava de tatuagem... Apenas morria de vontade de fazer um *piercing*.

Ele via as outras pessoas usando, achava bonito e queria igual. O maior problema, no entanto, era encontrar o lugar mais indicado para perfurar. Por algum motivo, pensava em fazer um *piercing* na ponte do nariz, a formação óssea acima da cavidade nasal, parte que fica entre os olhos. Mas, por algum outro motivo, sabia que não combinaria consigo – o formato do rosto, o cabelo longo, a cor branco-pálido... Algo em si provocaria desarmonia com uma argolinha na ponte.

Parou e começou a analisar parte por parte do corpo: sobranalha, orelha e umbigo eram lugares muito comuns; clavícula, calcanhar e atrás do joelho eram muito incomuns. Chegou a pensar em colocar nos órgãos genitais, mas que graça teria? Quem iria ver? Nem namorada ele tinha.

Essa situação-problema precisava ser resolvida, e ele teve a genial ideia de usar a matemática, a matéria que mais gostava, para ajudá-lo. Esboçou um gráfico com a própria silhueta, calculou perímetro e área, achou os ângulos, raios

e diâmetros possíveis; somou, subtraiu, dividiu; multiplicou... Fez contas que muitas pessoas nem sabem que existem. O resultado, portanto, saiu com 100% de precisão: o ideal seria fazer um *piercing* na franja.

Sem pensar mais – o cérebro já havia se cansado de pensar –, juntou as economias que guardava num pote de biscoitos e foi para o *studio* de *piercing* confiável mais próximo de sua casa.

Desde então, há quem diga que ele usa presilhas; ele garante que são *piercings*!

Era uma vez

Saber se realmente os opostos se atraem ou se tudo não passou de uma mera coincidência não é de minha alçada. Sei apenas que receberei duras críticas, críticas construtivas e destrutivas, por ter dado meu último adeus ao bem-dizer e deixado a desejar com a estilística desta crônica. Embora pareça um comportamento inenarrável, tentarei agradar gregos e troianos ao revelar em alto e bom som esse segredo guardado a sete chaves.

Parece que foi ontem que a conheci, na aula de Literatura Brasileira. Era uma menina-veneno, com olhos de ressaca e que dispensava quaisquer apresentações. De cabelos sedosos e nariz arrebitado, era uma bonequinha de luxo, cheia de não-me-toques. Era complicada e perfeitinha, uma virgem dos lábios de mel, mas que tinha um defeito incorrigível: abusava dos lugares-comuns.

Eu fugia dos vícios de linguagem como o diabo foge da cruz, então, digerir as palavras dela era chumbo grosso; corroíam em meu peito. Ela iniciava qualquer papo furado dizendo cobras e lagartos, fazendo caras e bocas. Eu fazia boca-de-siri para evitar o toma lá dá cá e colocava um ponto final na conversa. Mesmo assim, ela roubou meu coração e me fez ter uma vaga ideia do que é se entregar a uma paixão avassaladora.

– Mergulhei nas páginas de um livro – ela contava – tão sem eira nem beira que fico com vontade de tecer comentários que caíam como uma bomba no autor. Mas

tenho medo de chover no molhado. Será que não é melhor correr por fora e fugir da raia na hora da resenha em vez de botar pra quebrar?

– É – eu respondia, enquanto pensava na morte da bezerra.

Ela dizia que só abria a boca quando tinha certeza, mas a minha certeza era a de que ela só assassinava a gramática. No fundo, esse jeito de ser a transformava em uma lenda viva. Talvez o cérebro dela fosse um esgoto a céu aberto ou tivesse sofrido uma lavagem cerebral quando criança, pois estava tomada pelos erros crassos. Eu arrastava a asa para ela, mas, para não dar bandeira, logo batia em retirada e respirava aliviado.

Virar a página, no entanto, não adiantava. De um leque de opções, ela era a única que preenchia minha lacuna. Era uma faca de dois gumes: ou ela ou a língua portuguesa. Tinha medo de meter o pé pelas mãos, mas não tive escolha: conjuguei esforços e pus as cartas na mesa. Por ela, tomaria banho gelado no inverno e iria a pé do Oiapoque ao Chuí. Ela podia cantar vitória e sagrar-se campeã.

Já na reta final, encerro esta crônica com chave de ouro, afirmando que chegamos a um denominador comum. Eu me entreguei a ela de mãos beijadas, dando um tiro de misericórdia no conhecimento linguístico que ainda tinha. Num futuro próximo, ela seria uma esposa dedicada que me daria um filho exemplar. Eu seria seu eterno apaixonado até que ela se tornasse uma viúva inconsolável.

Dei a cartada decisiva: desfiz o laço indissolúvel que tinha com o bom português e me aliei ao inimigo, afinal, quem vê cara não vê coração. E quem vê coração não dá muita importância ao lugar-comum, pois não há maior clichê do que morrer de amores.

Companhias

O sol forte era uma incógnita naquela tarde de primavera. Desobediente à estação, o astro-rei parecia querer derreter o solitário cachorro abaixo de si – o pobre animal agora sabia o que era ser um *marshmallow* próximo da fogueira.

Correndo para baixo de um toldo, o cachorro viu seu reflexo na porta de vidro. Compreendeu que aquele não era outro cachorro, mas a imagem dele mesmo. Talvez fosse o único cachorro racional do planeta.

Imóvel, permanecia olhando para o vidro. Tinha o reflexo como única companhia, e vice-versa. De repente, notou que já não era a única companhia do reflexo. O vidro passou a ilustrar a imagem de uma menina, que parecia estar em sua décima primavera.

Sentada no banco da praça, a garota devorava um sorvete – embora, pelo rosto sujo, fosse mais sensato concluir que o sorvete a devorava. Talvez nem tivesse se dado conta, mas naquela tarde completava mais um mês de vida, mais um longo mês de sua curta vida.

Como todo aniversário, aquele precisava de um presente. E ele estava bem a seus pés: o cachorro mostrava a língua e abanava o rabo. Queria sorvete? Fazia da cauda um ventilador? A menina considerou esta outra incógnita daquela tarde.

A menina olhava para o cachorro; o cachorro olhava para a menina; o sorvete olhava a cena e se derretia.

Uma mãe apareceu e puxou, pelo braço, a menina que se preocupou somente com o sorvete e ignorou aquele que lhe era um possível presente. O cachorro se viu obrigado a voltar para a transparente companhia da porta de vidro.

Sinestesia, oximoro e anadiplose

Meu mal de nascença é a preferência por coisas incomuns; sempre fui o patinho feio que rodeia o lago dos cisnes. Nas aulas de educação física, todos brigavam pela bola de futsal, mas eu só queria saber do tabuleiro de ludo. Nos fins de semana, todos idolatravam o sol, mas eu adorava os sábados e domingos chuvosos. Nas baladas, todos carregavam o frasco de vodca, mas eu só segurava o copo com suco de abacaxi.

Na faculdade, não foi diferente. Cada um tinha sua própria paixão por uma das áreas do curso de Letras: uns eram rígidos na gramática; alguns, meticolosos na linguística; outros, fantasiosos na literatura. A amplitude da Língua Portuguesa, no entanto, me permitiu ser diferente (de novo) e escolher me especializar em outro campo: o da estilística. A maioria dos meus colegas nem sabia o que era isso.

– Estatística?

– Não. Estilística!

– Ah, aquilo de fazer vestido de noiva.

Quando eu tentava, humildemente, explicar que se tratava de estudar o estilo da palavra, a decepção era notável:

– Tanta coisa para fazer, e você fica dizendo se a palavra é feia ou bonita?!

De nada adiantavam meus solilóquios sobre funções, vícios e figuras de linguagem. Era inútil mostrar que há nome para quando se mescla sentidos, ou se fala de modo contraditório, ou se repete a última coisa que foi dita; sinestesia continuava sendo aquilo que o médico aplica para o paciente relaxar, oximoro permanecia uma marca de alvejante e anadiplose ainda era nome de uma tribo indígena do sul do Mato Grosso.

Os dias iam passando, e as pessoas insistiam em ignorar a pobre estilística, mas eu me viciava cada vez mais. Passei a fazer análise do discurso em simples conversas. Meu namoro terminou por culpa disso.

– Eu te amo do tamanho do mundo.

– Hipérbole!

– O que foi, gatinho?

– Metáfora!

– Dá pra parar de gritar alto?

– Pleonasma!

– Faça isso mais uma vez e estes dedinhos vão balançar num ritmo de despedida.

– Eu... Eu...

– ?

– Eufemismo.

Solteiro, sentia-me socialmente sofrível e só conseguia pensar na aliteração que isso provocava. Foi nessa ocasião que alguns amigos me levaram para o bar próximo

à universidade e, por acaso, foi anunciado que já estava decidida a sede para a Copa do Mundo de 2014. O balconista exaltou:

– A Copa do Mundo está vindo para o Brasil!

Cheguei a emitir uma onomatopeia – boom! – quando ouvi essa maravilha de personificação. Já havia analisado personificações de todos os tipos: animais, objetos, roupas, astros, datas e até sentimentos. Mas uma prosopopeia de evento internacional era novidade para mim. Pude imaginar aquela festa toda, com estádio e gente e barulho e bandeiras e polissíndeto, dando corridinhas até chegar ao Brasil.

– Querem outra novidade? Acabaram de confirmar que as Olimpíadas também virão para a Cidade Maravilhosa!

Nem dei tanta importância para a perífrase relacionada ao Rio de Janeiro; a personificação, do mesmo tipo da anterior, estava presente novamente. E, enquanto eu pensava a respeito disso, tudo começava a se modificar: novos estádios, novos hotéis, reformas nas cidades, reforma nos próprios brasileiros.

Ocorria uma espécie de metonímia da vida real, a transformação do quase nada para o tudo, uma sinédoque do todo pela parte: o Brasil se modificava. Aí alguém comentou da tradicionalidade, se as cidades não perderiam seu valor histórico e cultural com tantas mudanças.

A pergunta não era dirigida exatamente a mim, mas confesso que só consegui, mais uma vez, pensar na estilística. Assim, responderia: a conotação não destrói o

sentido denotativo; apenas o embeleza. Mas não consegui. Analisei meu pensamento, a metáfora que foi utilizada para construir outra metáfora.

– Metalinguagem! – berrei.

Nojo de menina

Menino tem nojo de menina, tal como o Super-Homem tem medo de kryptonita. O guri das cavernas, por exemplo, morria de raiva quando a melequenta cavernosa vinha com uga-ugas para cima dele, querendo brincar de pique-mamute (uma versão pré-histórica do esconde-esconde na qual a parede é um elefante peludo). Isso não seria problema se ela respeitasse o jogo e não espiasse, entre os pelos do animal, o esconderijo do menino. Depois, ainda por cima, se ele ficava cheio de grrrrrs, era ela que o enchia de mordidas.

Se menino e menina nascessem para se dar bem, Deus teria criado Adinho e Evita; como fez um casal de adultos, deixou a entender que ele já sabia que, abaixo dos 10 anos, seria guerra na certa: ela, jogando maçãs na cabeça dele, e ele pregando o maior susto ao colocar a serpente perto dela; ela cantando com as formigas e cigarras: “Aqui no Éden, os machos fedem...”, e ele retrucando com os javalis e suricatos: “Quer ser toda princesinha, mas saiu de uma costela minha...”

Os tempos modernizaram, mas a situação continua a mesma. Menino tem nojo de tudo que seja da menina: ele se irrita com a caneta que escreve em cor-de-rosa brilhante e tem uma pluma pendurada; fica com vontade de vomitar com o perfume fedorento que ela usa; quer rasgar em pedacinhos a revistinha com o teste de “descubra se ele ama você”.

Só que então chega o dia em que o guri das cavernas sente carinho na mordida da melequenta cavernosa, o dia em que Adinho convida Evita para o primeiro dueto do Paraíso. É quando a menina põe a caneta na covinha dele e faz cosquinha, que o aroma dela se torna gostoso para o nariz do menino e que ele bem que gostaria de ter um teste que respondesse se ela o ama.

A paixão sai de algum lugar do corpo que o menino nem sabia que existia e pousa do lado esquerdo do coração – de tão rara, é canhota! Ele diz que não, bate o pé, afirma que menina não tem nada que preste e prefere a companhia dos amigos machos. Mas quando chega em casa, joga a mochila em qualquer canto do quarto e deita na cama com o fone nos ouvidos, prestando atenção na letra de uma música pop romântica que nunca esteve acostumado a ouvir.

No grito da mãe para ir almoçar, o “calma aí!” sai com a certeza de que não terá pressa para se levantar dali. Gosta de pensar na menina nojenta, chata, irritante, insuportável, mas que o faz se sentir bem. Decide, então, que vai ser nojento, chato, irritante e insuportável na mesma proporção, para saber se consegue prolongar o sentimento que ele não sabe o que é.

Após dias e mais dias de muita nojeira, chatice, irritação e atitudes insuportáveis – por parte dele, propositais, e por parte dela, apenas para ele –, ela se cansa e dá um tapa na cara dele. Ele fica imóvel por alguns segundos e revida dando um chacoalhão nela. Ela grita. Ele

berra. Ela pisa no pé dele e tenta sair. Ele a agarra pela cintura e impede. Os dois se olham com raiva. Os lábios se encontram.

O selinho acontece do nada, na situação mais inusitada possível. Ele sente um pouco do que pensa ser nojo, mas é só o lado esquerdo do coração falando mais alto. Ambos se afastam e fingem que nada aconteceu. Do outro lado do muro, um amigo que brincava de pique-mamute moderno vê a cena e espalha para a escola inteira. Quando vão perguntar, ela nega. As amigas acreditam nela, afinal, menina tem nojo de menino.

Europa descarrilada

Os britânicos tomavam seu pontual e tradicionalíssimo chá da tarde; os portugueses assistiam ao programa de culinária exibido na televisão; os taiwaneses comemoravam o dia da juventude; os brasileiros festejavam o aniversário de duas metrópoles, Curitiba e Salvador; os sumérios homenageavam à Ishtar, deusa mitológica. Era 29 de março e os russos andavam de trem.

Um vagão superlotado, gente de Moscou, cada qual com seu objetivo trilhado. Uma mulher grávida com consulta marcada no obstetra; um estudante adolescente rumo à aula de ciências que o aguardava; um poeta amador que só queria divulgar seus versos metrificadas e fazer uma autopromoção; uma senhora de cabelos grisalhos que falava sozinha, em busca de alguém que ouvisse suas loucuras. Algumas vidas entre muitas outras.

O rapaz de quinze anos estava cansado de sua vida. Sabia que os dias seguintes seriam iguais aos dias passados. Sentia-se entediado de uma semana que apenas começava. Para se distrair da rotina, fazia algo também rotineiro: escutava música moderna em seu celular moderno. O alto-falante ligado, o suposto desejo de compartilhar o gosto musical americano com os demais passageiros.

O ritmo acelerado de uma canção para corações acelerados – *All the single ladies, now put your hands up* – se misturava com as palavras proclamadas pelo frustrado escritor de meia idade.

O tido poeta estava cansado de sua vida. Todos os dias, pegava sempre o mesmo metrô, recitando sempre os mesmos versos, sempre para as mesmas pessoas. A mesmice ocorria porque considerava aquela tentativa de trova a mais bem-feita por ele.

A rima rara de um poema hendecassílabo – *Não preciso de um caldeirão de água quente / Basta-me uma panelinha de água morna / Não quero cozer um ovo de avestruz / Só cozinharei um ovo de codorna* –, acompanhada pela trilha sonora da Beyoncé, atrapalhava a história contada pela pobre anciã.

A idosa vista como louca estava cansada de sua vida. Haviam morrido os pais, os irmãos, o marido, o filho. Não tinha mais família, não tinha amigos e, assim, acabava não tendo nem a si mesma. Queria desabafar os tropeços que levava, mas tropeçava nas próprias palavras e não era entendida por ninguém.

O relato sem sentido – *Eu tinha um gato que não era meu e tinha um peixe que o gato comeu* – juntamente da poesia contemporânea e da balada (badalada?), irritava a grávida que só queria um minuto de sossego antes de ter que se despír e se submeter ao ultrassom transvaginal.

A futura mamãe estava cansada de sua vida. Já era crescida, a idade na casa dos trinta, mas não conseguia assumir o fardo de mãe solteira. A hipótese de um aborto já lhe perturbava muito a mente. Em meio a uma confissão *nonsense*, a um exemplo de literatura marginal e a uma melodia de *black music*, não aguentou o estresse sonoro e desembestou a gritar.

O grito foi um pedido de silêncio bem aceito: o metrô parou, as pessoas também. No entanto, não demorou a que uma nova perturbação ocorresse. A garota loura sentada no fundo ficou em pé e revelou o mecanismo que escondia sob o casaco. Assim que a bomba fosse acionada, todos estariam em uma roleta russa, sem saber quais sobreviveriam e quais dariam adeus à vida da que estavam cansados.

Um chá amargo difícil de ser ingerido, um erro de gravação que não pôde ser evitado, juventudes corrompidas, aniversários interrompidos. Uma situação que nem deuses foram capazes de impedir.

Da explosão, saíram os corpos. O garoto, com as mãos mutiladas, não agradeceu por poder faltar às aulas daquela quinzena. O poeta, sem a pele do abdome, não ficou feliz por viver uma grande emoção que pudesse ser transcrita para o papel. A velha, cuja perna direita estava ensanguentada, não estava satisfeita por ter uma nova história para contar com detalhes.

Sem mais aborrecimentos, dúvidas ou queixas, a moça grávida, cruelmente decepada, representava, no chão do metrô, duas vidas extintas, duas frases que receberam o impiedoso ponto final – sendo que uma ainda nem havia aberto as aspas.

1001 utilidades de uma vaca

Meu ideal seria escrever literatura bovina, para todas as faixas etárias: romances *chick-lit* para as vacas sentimentais, contos eróticos para os touros safadinhos, fragmentos de autoajuda para os bois já castrados e, obviamente, muita história infantojuvenil, recheada de fantasia e ludicidade, aos bezerros e novilhos. A versão impressa ficaria cheia de mu-mu-mus, alguns átonos e outros tônicos, alguns abreviados e outros com alongamentos, mas sempre com um enredo que interessasse aos ruminantes de qualquer pasto do mundo.

Sei que muita gente consideraria isso uma arte maluca de alguém que merece um passaporte VIP ao manicômio mais próximo, mas já fico imaginando os detalhes para cada obra: uma traria como protagonista a mocha recém-desmamada que se apaixona por um nelore vampiro, mas logo conhece um zebu lobisomem, e ambos disputam o amor dela numa batalha com direito a chifradas e coices; a outra teria como personagem principal um garrote bruxinho que receberia um convite para ser aluno do celeiro de magia mais cobiçado do planeta, mas teria que enfrentar a ira de um búfalo do mal que deseja matá-lo a qualquer custo.

Antes de grandes epopeias, no entanto, escreveria um livro sobre os benefícios de ser uma leiteira. Este livro poderia ser impresso na própria madeira da cerca que prende o gado e seria intitulado “1001 utilidades de uma

vaca” ou, simplesmente, “Muuuuuuu”, sete segundos de puro mugido, equivalendo à versão traduzida. As vacas mais intelectuais, enquanto mascassem o capim-chicle, contariam a história para as vacas menos cultas; e caso não houvesse nenhuma vaca letrada no local, bastaria que o cuidador delas lesse em voz alta, ainda que com sotaque humano.

Os primeiros capítulos atingiriam o ápice da ternura, descrevendo o nascimento de um filhote e a alegria que a vaquinha daria ao dono da fazenda e, posteriormente, de como essa minivaca cresceria e continuaria animando a galera com seu nobre espírito de vaca e fazendo o bem não só às companheiras de curral, mas também aos que beberiam do seu leite e consumiriam queijo, iogurte e manteiga derivados dele. Isso certamente as incentivaria a produzir com ainda mais qualidade.

O maior problema seria com os capítulos finais, que abordariam o momento em que o úbere já não trabalha como deveria e as cem últimas utilidades são obrigadas a envolver churrascada, objetos de couro e instrumentos como berrante. Seria o gênero terror em sua maestria e resultaria em mugidos assustados e, provavelmente, numa fuga em manada. Temo até que haveria vaca se fantasiando de passarinho para tentar fugir voando, e o “livro na cerca” logo seria censurado, sem direito à segunda edição.

Mais impressionante ainda seriam as consequências provindas do caos literário: a Índia certamente convocaria uma reunião extraordinária e me condenaria à morte – não por revelar às vacas o verdadeiro destino delas, mas por criar

uma ficção totalmente surreal (pelo menos a eles, que louvam a criatura bovina como se fosse divina) sem ter colocado uma nota de rodapé na contracapa.

Repito que meu ideal seria escrever literatura bovina; mas este pensamento é somente uma idealização, sem condições de se tornar algo real. É preferível continuar com os mi-mi-mis literários do que trocá-los pelos mu-mu-mus. No mundo em que vivemos, inovar pode ser perigoso.

Se a ilhota é minha, chamo de ilhinha!

A ilha de Onira é a menor do mundo, com somente um palmo de extensão. Mas a ilha de Onira é também a maior do mundo, pois abriga bilhões de habitantes e se limita com milhares de universos. É um lugar tão perto que pode levar para tão longe. Não tem mapa físico nem político; aparece apenas no mapa anatômico. É uma ilha particular, em que só entram aqueles que forem autorizados. Como sou canhoto, ela fica do meu lado esquerdo.

Essa ilha é uma porção de aveia rodeada por suco de jabuticaba com ameixa. Nela, como em toda ilha, tem coqueiros, pedras e areia. Mas os coqueiros dão palmito, as pedras flutuam e a areia tem gosto de groselha. Também tem nuvens no céu azul, mas, dessas, eu não sei o sabor nem o número da certidão de nascimento, pois, sempre que estou lá, ando por cima delas e sinto cócegas.

Na primeira vez que me lembro de ter ido para Onira, conheci uma barata roxa que era dona de um controle remoto. Ela tomava Coca-Cola, falava inglês e morava no norte, mas, como estava de férias, queria visitar o sul. Para isso, ela apertou um botão vermelho de seu controle e o planeta se inverteu. Segui o exemplo e passei a contrariar tudo o que um dia alegaram que era inalterável.

Depois que criei gosto pelo lugar, fiz amizade com portas, tubarões e edredons que pulavam amarelinha. Acredito que eu tenha ficado íntimo deles, pois, numa das vezes, uma vaca veio me contar que o delegado havia

prendido a respiração, mas ela deu um jeito de fugir com ajuda de um sol que se chamava Iolanda.

Passei muito tempo lá até descobrir que, assim como todo território, essa ilha também tinha hino, bandeira e brasão: o hino era feito em mímica, a bandeira era dois e o brasão ficava na churrasqueira presidencial.

Certa vez, quando eu já estava me tornando adolescente, escutei um helicóptero falando para uma pétala de cravo que, em algum lugar daquela areia de groselha, havia um tesouro enterrado. Não tive dúvidas e comecei a cavoucar, com canudinho de *milk-shake*, até que atingi algo barulhento e curioso.

De repente, do buraco que havia se formado no chão, começaram a vazar palavras. Saíam como petróleo, porém com tamanhos, cores e formatos diferentes. Tinha palavra curta – “pé” – e tinha palavra longa – “hipopotomonstrosesquipedaliofobia” – e tinha palavra bonita – “veludo” – e tinha palavra assustadora – “trovejante” – e tinha palavra que nem era palavra – “gunkh”. Peguei um balde de alçaço e comecei a juntar todas elas. Desde então, tenho feito meus relatos de todas viagens que faço por lá.

Hoje, passo mais tempo na ilha de Onira do que em qualquer outro lugar. Algumas pessoas se incomodam com isso, pois, sempre que precisam da minha atenção, estou ocupado demais cantando no karaokê com algum porco suíço. Vivem me dizendo que devo me esquecer de lá, não me apegar a essa loucura. Já cheguei a considerar a hipótese,

mas não encontrei maneira de cumpri-la: lá, e apenas lá,
posso me ousar e escrever crônicas sem um pingão de juízo.

Vida de pedra

Desde que me conheço como pedra, percebo que não exerço bem essa função. Evito ao máximo atrapalhar, incomodar ou dificultar as coisas. As pessoas é que se atrapalham, se incomodam, dificultam tudo comigo.

Minha primeira experiência marcante foi quando eu ainda morava em uma caverna. Ali também vivia um homem barbudo, já de meia idade. Ele havia conquistado sua primeira amada, com a qual provavelmente iria se casar e procriar. Estava tão feliz que fez uma pintura rupestre sobre a família que sonhava ter. Fui usada para registrar uma das maiores alegrias da vida de um homem.

Mais tarde, um grupo de trogloditas começou a me quebrar até me deixarem com um tamanho fácil para carregar. Do lado de fora, vendo pela primeira vez a luz do sol, senti lapidarem de um lado e de outro. De repente, me jogaram ladeira abaixo e rolei como se rola uma boa roda. Estive presente na maior invenção da época.

Depois de terem me utilizado por bastante tempo, não aguentei tanto impacto e me parti ao meio, o que me fez ficar isolada e sem utilidade naquele momento. Porém, com a chegada do inverno rigoroso, servi de abrigo para diversos insetos.

Séculos depois, tive as partes separadas. A distância entre mim e eu mesma foi um sofrimento necessário. Um lado foi trabalhado e utilizado como banco para a plateia do teatro grego se sentar; o outro participou da formação de

um lindo palácio. Infelizmente, este foi explodido e o meu pedaço se desmanchou no ar.

Eu, meu lado sobrevivente, continuei sendo útil por gerações. Particpei inclusive da escravatura, aprisionando escravos. Confesso que não me orgulho desse meu feito.

Muitos anos depois, olharam para mim e enxergaram arte. Levaram-me para que eu fosse esculpida. Poliram daqui; poliram de lá. Ao terminarem, descobri que a arte vista em mim era a poesia. Protagonizaria diversos poemas a respeito da morte.

Meu destino foi virar lápide – pela minha eternidade de pedra, uma eternidade que pode ter um fim inesperado.

Durante o dia, as pessoas choram sobre mim. Após o pôr do sol, sou eu quem entra em prantos sem entender por que eu, que sempre fui a favor da felicidade, me tornei responsável por tanta tristeza. Certamente, não tenho um coração que condiz com a minha imagem.

A letra desnecessária

Ao entrarmos na escolinha, logo no ano primário, nós aprendemos com a tia – posteriormente a chamamos de professora – as vinte e seis letrinhas do nosso amado alfabeto. Porém, com o tempo, se paramos para pensar, percebemos como é desnecessária a meiga vogal localizada entre o T e o V.

Provavelmente o principal objetivo dessa insignificante vogal em nosso idioma fosse abrigar o trema. Como este pobre sinal gráfico foi impiedosamente extinto da nossa gramática, é óbvio podermos eliminar também a letra.

Como a benditinha não tem som se está vindo após a letra Q, ela pode ser propositalmente retirada. Ainda assim comeremos o saboroso queijo parmesão, teremos quintais na parte de trás de nossas casas e seremos amigos de todas as Moniques e Raqéis existentes no planeta.

Os artigos indefinidos podem ser facilmente trocados pelo algarismo, como a maioria das pessoas já faz hoje em dia. Ainda haverá 1 homem andando cabisbaixo pela calçada, 1 cachorro fazendo xixi no poste e 1 xícara de chá de farinha de trigo nos bolos de coco e laranja.

Além disso, possíveis abreviações podem ser feitas caso seja necessário. Se já teclamos q, td, qto, etc. pela internet, podemos simplesmente adaptar essa regrinha básica à norma padrão do nosso idioma. Por enqto, é só querer q vira regra!

Agora a interrogativa mais indiscreta: como escrever palavras simples contendo essa letrinha tão medíocre? Ora bolas, temos o apóstrofo, não temos? Basta omiti-la! Todos ainda sentirão dores na col'na, vestirão 'niformes para trabalhar e ir à escola, caminharão pelas r'as e avenidas da cidade.

No entanto, se você não vai com a cara do apóstrofo, há também esta alternativa: trocar as tais letras por oo. Isso não impedirá você de comer carne de tatoon, jogar boomerang com os filhos e imitar vacas emitindo “moo”.

Agora, se vocês, leitores, não ficaram convencidos, mesmo após tomarem conhecimento de todas essas explicações, e me consideram tolo e pirado pelo fato de ter escrito este texto de mais de dois mil caracteres sem precisar da famigerada vogal (essa habilidade se chama lipograma)... Ah, como vocês têm sorte! Infelizmente ainda não encontrei maneira de vaiá-los.

Bananas

Quem é que nunca ficou sem bananas em casa? A vulgar falta de bananas-nanicas foi a ponte encantada que interligou dois seres e proporcionou um encontro adoravelmente inesquecível entre o rapaz de vinte e poucos anos e o verdadeiro amor de sua vida.

Era tarde de quinta-feira quando o moço quis devorar uma deliciosa banana. Entretanto não havia mais nenhuma na fruteira, sinal de que precisava comprar uma nova penca.

Saiu de casa para ir até o supermercado, a três quadras dali; mas notou que havia uma quitanda na esquina. Esta podia até não ser recém-inaugurada, porém era a primeira vez que ele a via.

Os olhos brilhantes fixaram penetrantemente no toldo da loja, o coração pulsou no mesmo ritmo do movimento de clientes. O receio era grande, mas a vontade de entrar, maior; portanto, não precisou visitar o mercado naquela tarde.

Organizada e bem projetada era a quitanda: as colunas bem arquitetadas, as paredes de tijolos à vista, as prateleiras retilineamente enfileiradas... Provavelmente ninguém tivesse parado para reparar, mas ela era tão linda!

O coração do destemido moço percebeu, tanto que os dias passavam, e ele rotineiramente ia à quitanda. Dia para comprar meia dúzia de laranjas, dia para comprar um quilo de batatas. Com o tempo, ia à quitanda mesmo sem

precisar comprar quaisquer frutas, verduras ou legumes. Ia apenas porque se sentia bem no local.

Um dia de chuva, e ele atrás do balcão de tubérculos. A vista voltada nos tijolos à vista. O barulho da chuva batendo no telhado, o cheiro de terra molhada, ninguém por perto. O clima perfeito. O primeiro beijo.

Já havia beijado mulheres altas e baixas; gordas e magras; loiras e morenas. Durante toda a vida beijou humanas; por isso, foi extremamente estranho para ele beijar uma quitanda.

Toda a sensação de diferença, no entanto, passou após uma semana de beijos e carícias trocadas entre ele e o pequeno estabelecimento. Podia não querer admitir, mas estavam namorando sério. A quitanda era fiel a ele, assim como ele estava sendo fiel à quitanda.

Tudo ia perfeitamente.

No dia do aniversário de um mês de namoro, ele decidiu que compraria todo o estoque de bananas para comemorar. No entanto, assim que chegou à esquina, teve a terrível surpresa: descobriu que, graças a uma banana (de dinamite), sua amada fora demolida.

Era tarde de quinta-feira, e ele voltou para casa, onde chorou até não poder mais. Chorou tanto que, quando foi pegar mais um lencinho, percebeu que a caixa estava vazia. Não podia mais debulhar-se em lágrimas; precisava comprar mais lenços.

Por isso saiu de sua casa para ir até o supermercado, a três quadras dali; mas notou que havia uma farmácia na outra esquina.

Trenó de labradores

A vista embaçava as letras do “A PRAZO” na placa e fazia com que o homem perguntasse: mas esse preço é parcelado? Sabia que não era a primeira vez que os olhos lhe enganavam; desde o início do ano, a capacidade de percepção visual vinha diminuindo, mas a consulta com o oftalmologista continuava se adiando.

– No meu tempo – ele sempre reclamava – a gente chamava o médico de oculista. Muito menos complicado.

– Mas o médico não cuida dos óculos, pai. Cuida dos olhos. É oftalmo.

As explicações do filho não convenciam o senhor que, naquela tarde de dezembro, conversava com o pinheiro de Natal da loja de variedades, esperando ter uma resposta.

A volta para casa também demorou mais do que devia. Sem conseguir ler a inscrição no ônibus e sem querer criar um discurso de coitadismo, entrou no primeiro veículo que apareceu – e dentro do qual a visão decidiu escurecer completamente.

Estava cego. Não podia enxergar as luzes piscando nas palmeiras improvisadas, nem as guirlandas de cipó na porta das casas. Sequer conseguia localizar, no celular, o número de um contato de emergência.

– Faz favor e liga pro meu filho – pediu à senhora (seria senhorita?) sentada ao lado, arriscando-se à possibilidade de entregar o aparelho a um bandido.

Inocentes que sempre foram, os dedos alheios fizeram a chamada. O pai resumiu o caso. O filho foi buscá-lo no terminal, onde os ônibus faziam escala, e o levou direto ao médico.

Apoiado no filho, o homem entrou, sentou, fez ficha, esperou na sala das revistas que não podia ler, ouviu o médico chamar e, depois, o veredito: sem reversão. Calculou mentalmente o tempo que levaria para aprender LIBRAS e só então percebeu que o Braille lhe seria mais importante no momento.

– Terei de andar de bengala? – ele questionava, todo aprendiz de cego. – E de óculos escuros? O senhor doutor cuidará dos meus óculos também?

– Posso tentar amenizar essa tragédia, já que estamos em pleno Natal? – sugeriu o oftalmologista. – Por que o senhor não adota um cão-guia?

Escutou as cláusulas do regulamento, lidas pelo filho, a respeito do cadastramento para obter um desses cães. Espremeu-se até se encaixar na burocracia. Passou meses indo ao adestrador (que, no fundo, era mais dele do que do próprio animal) e adotou Íris, a cadela que seria seus olhos nos sorrisos e nas lágrimas, até que a morte os separasse.

Seis anos depois, Íris parou. Caminhava pela calçada enfeitada de neve artificial, época natalina, e simplesmente deitou-se. Deu um latido de choramingo e não respondeu mais aos comandos do dono.

– Faz favor e liga pro meu filho – pediu ao menino (seria rapaz?) que passava perto naquele momento.

O filho foi buscar o pai e a Íris no centro da cidade, onde as cadelas-guias não costumavam empacar, e a levou direto ao veterinário.

Catarata profunda. Provavelmente estivesse se agravando havia algum tempo, mas Íris, fiel como um cachorro, não demonstrou o incômodo, para poder atender bem ao seu dono.

– Teremos de fazer a remoção do órgão.

O homem temeu que, com a remoção dos olhos, quisessem removê-la de perto dele. Era a norma, ainda que não houvesse registro de um caso de cão-guia que ficou cego. Mas aonde iriam a fidelidade e o amor *homo/canis*?

Então ele decidiu. Espremeu-se para se encaixar na burocracia da adoção. Porém a papelada não o impediu de adotar Lobo.

Nunca revelaram se o sobrenome do novo cão era Occipital, mas ele passou a guiar a Íris cega, que guiava o homem cego. Já este se sentia um Papai Noel sendo puxado pelo trenó de labradores. Melhor do que ter os cães como presente, apenas o fato de os cães estarem presentes.

O leite que bebeu o gato

É o fazendeiro que trata a terra que abriga o pasto que contém a grama que alimenta a vaca que dá o leite que o gato bebe. Um está subordinado ao outro, e sempre desta forma, para que, no final, o bigode do gato fique com um bigode de leite. Ainda nessa metáfora felina, afirmo que me senti um bichano desmamado no fim de semana passado.

Meus pais viajaram e deixaram duzentos e cinquenta metros quadrados para eu tomar conta. Na verdade, foi o espaço que tomou conta de mim: aquele vazio extenso animava meu tédio e me obrigou a ficar deitado a tarde de sábado, assistindo a um programa ruim na televisão por pura preguiça de mudar o canal.

Então, a energia elétrica acabou. De certo, ela havia se cansado de ficar naquela chatice e me largou sozinho, com a enfadonha tarefa de ter que levantar para abrir a janela do quarto, se quisesse. Quando fiz isso, o jardim, no quintal, sorriu para mim. Sorri de volta, e ele, com um vento, balançou uma árvore que parecia me chamar com seus galhos.

Resolvi sair do ninho e adentrar o matagal. Descobri um lago, ali, dentro da minha própria moradia, um sinal de como eu mal conhecia minha casa e, conseqüentemente, como eu mal me conhecia. No lago não havia patos, nem vitórias-régias, nem nada muito ousado que um lago costuma ter. Havia, somente, uma ponte. Dessas de madeira, feitas já com a intenção de atrair umidade e cupim.

Se levava para Terabítia, para Pasárgada ou para lugar nenhum, eu não sabia, mas estava empolgado para descobrir. Subi na ponte e comecei a caminhar. Era longa e escondia de mim o seu final. Pulei um caramujo, desviei de um marimbondo e tive medo de que aquele negócio desabasse; mas segui em frente.

Quanto mais andava, mais tinha vontade de voltar para casa, me trancar no quarto e dormir para sempre. Era tão comprida que superava a Rio-Niterói e a São Francisco. Chegou um momento em que eu já não sabia se deveria continuar até o outro lado ou voltar. Pedi para a ponte apontar uma ponta. Inventei um trava-língua, mas continuei inseguro. Optei por parar.

Tomei fôlego por um tempo até que resolvi olhar para as laterais. Encontrei um garoto nadando sem roupa no lago. Parecia comigo fisicamente, mas tinha mais coragem, mais desinibição. Talvez fosse um sócia. Dei um oi e ele me cumprimentou no mesmo instante. Os gestos eram simultâneos.

Aquela versão nua de mim representava tudo que eu tinha vontade de viver, mas mantinha morto em algum canto secreto dentro de mim. Percebi, portanto, que eu não precisava cruzar a ponte; podia criar novos caminhos, saltando naquele lago e mergulhando até onde desse. Então, pulei da ponte e acordei submerso nas cobertas.

Levantei no ato e, quando percebi, já estava limpando o fogão ao som de uma canção sertaneja. Meus lábios cantarolavam “ai, se eu te pego” para a gordura que

insistia em escapar do detergente. Meu cérebro agendava um programa, que não era de tevê, para mais tarde. Deixei de andar alienado em linha reta, sem desvios, e passei a olhar do parapeito da ponte. O leite havia bebido o gato.

Charles e Christine

A varinha de pescar não se mexia; talvez, se fosse de condão, pudesse balançar num lago sem peixes. No barco de madeira, Charles se esforçava para não ter um tremelique de criança e levar uma imerecida bronca própria por pura falta de paciência. Estava petrificado, uma estátua de oito anos, quando a água ondulou no ritmo pausado do seu coração.

A emoção fez sua palpitação acelerar e, coincidentemente, aumentar a ondulação. Não era peixe, não era lixo. Era o vento. Ventou e trouxe consigo outro barco, o de Christine. O encontro das proas manteve o estatismo, olhos nos olhos. Tudo congelado, apenas o chão se movia.

Mantiveram-se parados durante os anos da infância até que a moça, quando debutante, lhe quis como parceiro de valsa. Estendeu a mão, que foi acolhida, resultando no namoro das papilas dérmicas. O toque de pele se prolongou e, juntos, naquela noite, protagonizaram a primeira dança.

Ensaíram novos passos até o dia em que Charles decidiu surpreendê-la com uma volta de carro pela madrugada. Apossou-se das chaves do Chevrolet dos pais e rodou até a casa de Christine. Estacionou e esperou, apenas o relógio se movia. Na vinda das quatro horas, viu-se forçado a voltar para casa.

Levou duas merecidas broncas dos pais: a primeira por ter tirado o carro da garagem sem permissão; a segunda

por ter provocado a depressão de uma garota grávida aos 16, que nem se atrevia a sair mais do quarto.

O remédio seria o casamento. Grinalda na cabeça, aliança no dedo e um bebê no colo, deixaram-se tomar pela lua-de-mel. Viveram assim, a bordo de uma maré de sentimentos, até o anel de compromisso se tornar uma boda dourada. Christine, grisalha, sucumbiu ao naufrágio de si mesma. Charles ficou petrificado até que o sumiço das ondas calasse seu coração.

Quando as ondas do mar desapareceram

O vento soprava vigorosamente em direção à praia, os peixes nadavam como se bailassem no fundo do oceano, os barcos navegavam e remexiam a massa de água por onde passavam... Muitos eram os fatores que proporcionavam o surgimento das ondas, e as ondas deixavam os banhistas felizes: eles podiam pulá-las, mergulhar sob elas, fazer uma hidromassagem.

Houve um dia, porém, que as ondas do mar sumiram, desapareceram sem deixar rastros. O sol ardia incessante, e o mar mostrava-se apenas como um piscinão de água salgada.

Ninguém entendia o que se passava. O vento continuava soprando, os peixes continuavam nadando, os barcos continuavam navegando. As ondas, no entanto, não eram mais formadas.

O desespero começou a tomar conta das pessoas. Sem ondas, não havia o que expulsasse o lixo do mar; sem ondas, os surfistas não podiam praticar seu esporte; sem ondas, os turistas se revoltavam por terem saído do interior e se deparado com nada mais do que uma represa em tamanho ampliado.

Começaram a estudar o que se passava. Cientistas, geólogos, matemáticos... Gênios do mundo todo se reuniram para desvendar esse mistério. Os ambientalistas diziam que era consequência do aquecimento global; os folcloristas acreditavam que era reflexo da melancolia das

sereias. Houve gente que levantou até a hipótese de que uma suposta fábrica de ondas tinha ido à falência.

De repente, começou a chover. Muitos corriam às suas casas, até que alguém notou: as ondas haviam voltado. Se a chuva tinha sido a solução, isso não lhes importava naquele momento; todo mundo só queria aproveitar o ressurgimento das ondas, pouco se importando com a tempestade que caía. Anoi-teceu.

No dia seguinte, o sol estava ainda mais incandescente. A praia lotada, e as ondas mais uma vez haviam desaparecido. A repulsa foi grande. A multidão geral – não houve exceção – culpou o sol pela falta de ondas e insultou, de forma xucra, o astro-rei.

Desleixados esses que não compreendem que, no mundo atual, até o oceano tem direito de fazer chapinha.

Minhocas na cabeça

A perspicácia do Verão foi calorosa. Na distribuição das estações, soube escolher o melhor período, obteve a sorte de trabalhar com a companhia do Sol e ganhou a oportunidade de receber o ano com um sorriso radiante de boas-vindas, bem como a de lhe dizer adeus com um ardente beijo de despedida. Pode, inclusive, se gabar por acolher os três maiores feriados, Natal, Ano Novo e Carnaval. Além de bancar o bonzinho com os jovens por ter abraçado, também, as férias escolares.

Às vezes, porém, o que deveria ser descanso acaba se resultando em tédio. Na chácara do avô, nada para fazer, ninguém com quem falar – nem as três filhas da empregada, de idades consecutivas aos doze anos dele, arriscavam conversa. Para se livrar do contrastante frio do desprezo, distanciou-se da casa e adentrou uma trilha abandonada, onde seguiu até encontrar um riacho.

A grama tão alta parecia estar de pé. Ele deitou o corpo sobre ela, as mãos se fizeram travesseiro, os olhos admiravam as nuvens que bailavam no cenário azul do céu. Coisa mais chata, mas servia para passar o tempo e se esquecer do desejo alucinado de chupar sorvete. A bermuda de poliéster e a camiseta sem mangas deixavam à mostra as pernas e os braços, que já carregavam os primeiros fios da puberdade. Passou quatro horas ali.

Percebeu ter encontrado algo mais que um lugar bonito: descobriu o aconchego. Sentia-se relaxado, a brisa

morna fazendo-lhe cair no sono. As pálpebras pesavam, mas antes que elas se fechassem, a bexiga tornou-se um incômodo. A sensação de preguiça era muito boa, por isso cruzou as pernas e tentou enganar o organismo. Há coisas, no entanto, as quais não adianta nem tentar; impedir a vontade da natureza é uma delas.

O banheiro mais próximo ficava longe, e o barulho da correnteza não contribuía muito para o autocontrole. Teve de tomar uma atitude tipicamente masculina: infiltrando-se entre arbustos e correndo para trás de uma árvore, fez do musgo mictório. Por fim, olhou para baixo – ficou cara a cara com uma minhoca.

Como ela era feia, pobrezinha... e aparentemente estava infeliz; pelo menos não sorria, se é que tinha algum dente para isso. O sol a deixava estorricada e sem forças, um caule de margarida exposto ao calor, completamente murcho. O garoto quis fazer alguma coisa com ela, embora não tivesse a mínima ideia do que pudesse ser feito. A minhoca era indiferente ao olhar do rapazinho.

O som de passos fez o garoto virar-se abruptamente; a minhoca apenas transpareceu um leve movimento. As filhas da empregada apareceram para tomar um banho de riacho. O verde circundava o lugar, e o garoto, espiando entre os vegetais, sentiu seu mundo colorir. Uma morena, uma loura e uma ruiva: sorvete de napolitano em forma humana.

Os olhos brilhantes baixaram e viram que a minhoca havia encontrado sombra e se reidratava aos poucos. Ele

baixou a mão direita e a aproximou dela, numa tentativa de brincar – uma brincadeira da qual não sabia certamente quem sairia vencedor. Tomou entre os dedos algo mole e esquisito.

Voltou a observar entre as folhagens e deparou com uma imagem inédita: as camisetas não poderiam ser molhadas, por isso as garotas as tiravam. O garoto colocava um sorriso malandro na face. A minhoca se contorceu, espreguiçando-se, como se a sombra, a temperatura ou algum outro fator do momento fosse responsável por que ela se esticasse.

À beira do riacho, a loura e a morena usavam os delicados dedos para desfazer o nó dos cordões de seus shorts, enquanto a ruiva descia calmamente a saia. O garoto continuava à espreita e se divertia com a cena. Começou a balançar os dedos, uma massagem malfeita na minhoca. Ela, mesmo assim, demonstrava gostar e o recompensava fazendo pequenas cócegas.

Não sabia se ria ou se fazia careta, se olhava para a isca de peixe ou para as três sereias. Sem perceber, a situação dos dois novos amigos se inverteu: a minhoca estava rígida, procurando algo para olhar, e ele se contorcia, com uma estranha alegria nunca sentida antes.

Reposicionou os olhos a tempo de assistir ao desfecho da cena. As moças analisaram o ambiente e, sem notar a presença do neto do patrão, se desfizeram das roupas de baixo e pularam na água cristalina, refrescando seus corpos.

Uma inesperada e repentina chuva de fim de tarde escorreu de uma nuvem passageira. As garotas saíram espontaneamente do riacho e, vestindo-se rapidamente, voltaram para casa. O garoto permaneceu estático – as gotas do suor imprevisto que vazava da testa se misturaram com as gotas do suor vindo do céu. A minhoca, agora molhada, se encolheu na palma da mão. A mão estava pegajosa – celoma de anelídeo, talvez – e mostrava o poder que ela teria dali em diante.

Perspicaz foi o Verão. Merecedor de uma menção honrosa por representar uma época que é tida, por muitos, como a da descoberta da adolescência.

Afrodite

- Afrodite, por que esse sentimentalismo todo?
- Porque, se eu estivesse pulando de alegria, seria a deusa da festa, e não do amor.
- E o que trouxe Vossa Divindade até aqui?
- Três mensageiros e um cavalo alado. Cá entre nós, ele é mais lento que uma égua prena.
- Mas eu pergunto: qual é o motivo?
- Estou sofrendo do mal que criei: αγάπη [agápi]
- Ah, o amor...
- Na verdade, é αγάπη [agápi] mesmo, porque, quando criei, foi em grego.
- Seja como quiser. Quero mesmo é que você foque no problema.
- O problema é que as pessoas que têm tosse dizem que estão com bronquite, e as pessoas que têm dor na testa dizem que estão com sinusite.
- O que isso tem a ver?
- Que as pessoas apaixonadas já dizem estar com afrodite. O amor deixou de ser um sentimento e passou a ser uma inflamação.
- Como você se sente com isso?
- Sofrível! Sofro com o sofrimento de quem sofre.
- Como isso tudo começou?
- É tudo culpa do meu álter-ego romano! O amor era visto como beleza, como preciosidade, até que meu lado Vênus estragou tudo.

– Explique melhor.

– Primeiro, Vênus quis ser planeta para inspirar os namorados. Então, eles passaram a viver fora de órbita, sonhando com um amor platônico. Depois, Vênus tentou consertar e se fez de camisa. Aí, os namorados esqueceram completamente as emoções e priorizaram o amor carnal.

– Na sua opinião, as pessoas ficam desconfortáveis com isso?

– Para se ter uma ideia, na Ilha de Milo, quebraram os dois braços de Vênus.

– Você nunca tentou arrumar isso?

– Meu álter-ego afro-americano já! Só que Oxum conseguiu deixar tudo pior.

– Pior como?

– Como Oxum sempre esbanjou riqueza e prosperidade, o amor virou mercado. Foi um tal de gente se amigando por causa do dinheiro... Por falar nisso, a cotação do amor já subiu 8,56% desde ontem.

– Não teve outra forma de reparo?

– Pior que teve! Foi a vez do meu álter-ego egípcio interferir. E a Ísis resolveu jogar um pouco de magia nas pessoas... Pronto!

– Tudo se resolveu?

– E o amor é como matemática para ter resolução? Só aumentou a confusão! Todo mundo se sentiu superpoderoso, mago, e resolveram fazer simpatias de tudo quanto é tipo para conquistar o próximo. Só que, muitas

vezes, o final era frustrante, pois o próximo, geralmente, estava longe demais.

– Você não vê outra maneira de tentar ajeitar isso?

– Já pensei em pedir para o Cupido flechar todo mundo, mas acho que isso aumentaria a zona. Já pensei em pedir para Marte explodir algumas bombas e exterminar o universo, mas isso seria radical demais. Pensei até em cometer suicídio, mas o que será do mundo se o amor se acabar? Preciso que você me ajude, doutor!

– Infelizmente, não posso.

– Pode, pode, sim.

– Não posso, não.

– Por que não?

– Porque estou com afrodite... por você!

Textos deste livro foram premiados em concursos literários diversos, a saber:

- Concurso Literário de Boituva (Secretaria de Cultura, Boituva/SP) – edição 2010;
- Desafio dos Escritores (Câmara dos Deputados, Brasília/DF) – edição 2011;
- Concurso de Poesia e Prosa (Academia de Letras, São João da Boa Vista/SP) – edição 2011;
- Concurso da Academia Metropolitana de Letras, Ciências e Artes (AMLAC, Vinhedo/SP) – edições 2011 e 2014;
- Concurso Nacional de Ponta Grossa (Secretaria de Cultura, Ponta Grossa/PR) – edição 2012;
- Prêmio Rubem Braga de Crônicas (SESC, Brasília/DF) – edição 2012;
- Prêmio Literário Legislativo (Casa do Poeta CAPOCAÇA, Caçapava do Sul/RS) – edição 2012;
- Concurso Literário Felipe D’Oliveira (Secretaria de Cultura, Santa Maria/RS) – edição 2013;
- Concurso Nacional de Crônicas (Fundação de Cultura, Ponta Grossa/PR) – edição 2014;
- Certificado de Qualidade Literária (Câmara Brasileira de Jovens Escritores, Rio de Janeiro/RJ) – edição 2015.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2018.